

Xamanismo contemporâneo:
no Brasil e no mundo

Contemporary shamanism: in
Brazil and in the world

Karina Oliveira Bezerra¹



Resumo: Esse artigo traça a história do neoxamanismo no Brasil através de pesquisa bibliográfica e documental, participação em rituais, entrevistas pessoais e questionários. Primeiro, investigamos o surgimento do conceito de xamanismo no Ocidente e a conseqüente fusão desse com as ideias de natureza no século XIX. Analisamos o desenvolvimento do xamanismo contemporâneo sob a liderança indígena e suas aberturas e fusões com o mundo moderno, assim como, de modo inverso, a criação do movimento sob a liderança dos acadêmicos e suas buscas pela tradição. Na segunda parte, investigamos como esse movimento aconteceu no Brasil, e buscamos criar uma curta história do movimento no país, através das histórias de quatro importantes figuras desse movimento religioso. **Palavras-chave:** Xamanismo; Paganismo; indígenas; nova era; história.

Abstract: This paper traces the history of neoshamanism in Brazil through bibliographical and documentary research, participation in rituals, personal interviews and questionnaires. First, we investigated the emergence of the concept of shamanism in the West and its consequent fusion with ideas of nature in the 19th century. We analyze the development of contemporary shamanism under indigenous leadership and its openings and mergers with the modern world, as well as, conversely, the creation of the movement under the leadership of academics and their searches for tradition. In the second part, we investigate how this movement happened in Brazil, and we try to create a short history of the movement in the country, through the stories of four important figures of this religious movement. **Keywords:** Shamanism; Paganism; indigenous; new age; history.



Introdução

Este artigo é parte da minha tese de doutorado sobre o Paganismo contemporâneo (Bezerra, 2019). Realizamos pesquisa bibliográfica e documental, participamos de rituais e realizamos entrevistas pessoais e por meio de questionários via internet. Um dos questionários continha trinta perguntas abertas divididas em seis partes. A primeira parte, que consiste sobre a adesão e permanência dos adeptos, muniu-nos de informações para a parte histórica. Também tivemos necessidade de realizar outro questionário, apenas para coletar relatos de tradição oral e de reminiscência pessoal, visto que as respostas do primeiro estavam sendo curtas.

Iniciamos o artigo discutindo o conceito e as visões sobre o xamã no século XVIII. Verificamos as influências do século XIX (filosofia da natureza, panteísmo e transcendentalismo americano) sob todo o xamanismo do século seguinte, inclusive o indígena. Abordamos as influências dos antropólogos para o desenvolvimento do xamanismo, a relação desse com o paganismo e a Nova Era, e sua entrada no mundo moderno.

Para iniciar a discussão do xamanismo no Brasil, começamos falando um pouco da apropriação da ayahuasca pelo Daime e outros, e sobre traduções de alguns livros no Brasil. Depois tratamos do xamanismo Nova Era por meio da história da criadora do xamanismo matricial, que resgata o feminino e da história do criador do xamanismo universal, que une diversos sistemas de crenças. Depois, vamos tratar do xamanismo tradicional moderno, ou neoxamanismo tradicional. Para isso, falamos um pouco da tradição iniciática nativa andina através da história de Wagner Frota e explicamos detalhadamente a diferença entre os dois xamanismos. Também analisamos como alguém se torna um xamã através da história de vida de Marcos Ninguém. Todas essas histórias nos permitem compreender o desenvolvimento do neoxamanismo no Brasil.

Surgimento do neoxamanismo

Analisar os discursos sobre xamanismo é muito complexo, “[...] requer uma consciência histórica da formação de identidades, o poder das definições e a persistência de conceitos mais antigos” (Stuckrad, 2002, p. 791-792). É comum apontar que o neoxamanismo tem pouco a ver com a tradição indígena, mas a descrição acadêmica de “tradição indígena” também deve ser avaliada, assim como a autodescrição nativa; todos sofreram interferências.



Os xamãs siberianos foram os primeiros a serem conhecidos pelos acadêmicos ocidentais. Dessa forma, essa palavra siberiana, especificamente dos Tungus, foi utilizada para definir práticas similares ao redor do mundo.

Há 300 anos, viajantes, comerciantes e missionários que iam às vastas estepes do nordeste da eurásia até o oeste levavam para o Ocidente histórias de exóticos rituais. Então, no século XVIII já se tinha certa imagem do “xamanismo” como um tipo específico de religião. Para a maioria dos iluministas, os xamãs eram um modelo de comportamentos irracionais, mas para outros, como J. G. Herder, W. von Goethe e Victor Hugo, eram religiosos virtuosos, “[...] uma lembrança daqueles antigos extáticos e artistas que conseguiram transgredir a realidade comum por meio da música e da poesia” (Stuckrad, 2002, p. 773). Dessa forma, as atitudes para com os xamãs foram ambivalentes desde o início, com um misto de refutação e desejo, de acordo com Kohl (1987 *apud* Stuckrad, 2002).

Stuckrad (2002, p. 791) mostra que os conceitos de natureza no xamanismo contemporâneo são oriundos do século XIX e o de alma, aplicados por neoxamãs e antropólogos “não é de forma alguma ‘indígena’, mas mostra a marca do neoplatonismo e das ideias modernas de ‘personalidade’, ou no conceito de ‘outro mundo’, que é um termo crucial para a interpretação esotérica ocidental da realidade”. Sobre o conceito de natureza, já pudemos discuti-lo acima, com o revivalismo Pagão e sua linguagem de desejo por uma união orgânica entre pessoas, cultura e natureza. E, mais próximo do xamanismo – do que Diana e Pã – para citar a idealizada Grécia Antiga, natural, criativa e livre, podemos mencionar a famosa figura de Orfeu. Esse, como os xamãs idealizados, conhecia a linguagem da natureza e viajava para os reinos da realidade que estavam velados para outras pessoas. Capturados por essa poderosa imagem órfica, Stuckrad considera que os neoxamãs hoje e os xamanologistas desse século passado estão intimamente relacionados.

Também é necessário citar a influência da filosofia da natureza, do panteísmo romântico – que se baseavam em conceitos presentes desde a época do Renascimento na Europa – e do transcendentalismo americano. O primeiro, para Hanegraaff, na verdade, é uma filosofia da religião. Um dos expoentes da filosofia da natureza é Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854). Para o xamanismo contemporâneo, dois aspectos de sua filosofia serão de primordial importância: a conceituação da natureza como um processo vivo e o papel da empatia pela cognição da natureza. “Schelling conceitua a natureza como uma entidade independente e auto-organizada que pode ser conhecida por qualquer ser humano com uma mente empática e aberta” (Stuckrad, 2002, p. 786). O



panteísmo, que já havia aparecido em Spinoza, tem sua existência linguística criada em 1717, pelo irlandês John Toland, o mesmo que supostamente teria sido o primeiro a lançar as bases de uma ordem druída moderna. Um dos mais importantes representantes do início do romantismo alemão é Friedrich Von Hardenberg (1772-1801), mais conhecido como Novalis. Sua combinação de poesia, arte, filosofia e religião é considerada por Stuckrad (2002), como uma prefiguração das atitudes neoxamânicas de maneira característica, sendo a sacralização da natureza e a fusão de seres humanos com entidades não humanas as questões trazidas por Novalis que interessam. Comparando trechos de pensamentos de Novalis, e de Halifax, uma xamã moderna, Stuckrad (2002, p. 788). conclui que,

As semelhanças são impressionantes. O conceito de natureza como um universo comunicante, no qual o humano é apenas um participante entre muitos outros, levou Novalis à suposição de que os limites entre entidades aparentemente díspares são indistintos: ‘Logo para ele as estrelas eram humanos, os humanos estrelas, as pedras animais, as nuvens plantas’

No transcendentalismo americano, dos vários autores, destacamos Henry David Thoreau (1817-1862). Esse identificava seres humanos e entidades não humanas, além de ontologizar objetos naturais. Na sua obra mais famosa, *Walden*, ele descreve o lago que possui tal nome como “personagem”, “vizinho”, “grande companheiro de cama” etc. Diante de todas essas influências que apresentamos, Stuckrad (2002, p. 791) considera que

[...] não pode haver dúvida de que a atitude contemporânea do xamã ocidental em relação à natureza deve suas características a uma tradição de longa data na cultura europeia e americana (para a América do Norte, veja Fuller em particular). Em vez de ser um híbrido degenerado de culturas indígenas ou uma bricolagem arbitrária de espiritualidades subjetivas, o xamanismo ocidental moderno pertence a um movimento contra a mecanização e o desencantamento da natureza, do cosmos e do eu humano.

Xamanismo Nova Era

Tal interpretação de Stuckrad (2002, p. 774) revela a constante ainda



ambivalência nas atitudes para com o xamanismo. O mesmo autor diz que o maior responsável pela reviravolta “[...] entre o discurso intelectual do século dezenove e a apropriação popular do xamanismo na segunda metade do século vinte” foi Mircea Eliade. Esse em 1951, com sua nova construção do xamã como um especialista do transe, fomentou a ideia do xamanismo como “[...] uma espécie de constante antropológica, um conjunto de práticas e doutrinas religiosas que permitiam que certas pessoas socialmente discerníveis se inter-relacionassem com entidades espirituais em nome de sua comunidade” (Stuckrad, 2002, p. 773). Depois dele, virão C. G. Jung e Joseph Campbell, e o imprescindível Carlos Castaneda.

Kocku Stuckrad (2002), para tratar dos atributos do que ele prefere chamar xamanismo moderno ocidental, enumera quatro conjuntos de características:

a) a primeira trata da popularização do conhecimento acadêmico, iniciada com Carlos Castaneda, sendo a maioria dos protagonistas xamânicos, formados em Antropologia. Tal “interferência” entre a pesquisa acadêmica e a prática religiosa implica uma transformação do “clássico xamanismo indígena” quando os nativos leem e reagem as etnografias;

b) a segunda é a similaridade com os grupos neopagãos, observada tanto pelo ponto de vista êmico quanto ético. Obviamente, concordamos com tal semelhança, por isso incluímos o neoxamanismo em nossa tese. Stuckard diz que “[...] muitas características das tradições dos Nativos Americanos ou das religiões Celta e do Norte da Europa, juntamente com os cânticos wiccanos e a ritualização da magia natural, formam o pano de fundo espiritual da prática ritual neoxamânica” (Stuckrad, 2002, p. 775);

c) a terceira é a íntima relação com os conceitos de natureza e religião ocidentais e que foi recentemente apreciado dentro da cena Nova Era;

d) a quarta é que, em comparação com os xamanismos indígenas, o moderno, pelo menos os com mais ênfase novaerista, “[...] tendem a negar a realidade de espíritos intrinsecamente nefastos. Além disso, é orientado para o fortalecimento pessoal e espiritual entre os praticantes. Portanto, o papel da comunidade é menos importante do que no contexto mais tradicional do xamanismo” (Stuckrad, 2002, p. 775).

Sobre a questão da comunidade, Graham Harvey (2011), que inclui o neoxamanismo dentro do paganismo, diz que, se esse último quer ser verdadeiramente xamânico, deve aprender que os xamãs tradicionais não são individualistas virtuosos, mas sim funcionários da comunidade. Assim, o paganismo “[...] deve revitalizar os valores comunitários e lutar contra o



individualismo e o consumismo pelos quais são devastados” (Harvey, 2011, p. 121). Apesar das diferenças, Stuckrad concorda com Vitebsky, que diz que não é mais possível fazer uma distinção estanque entre as sociedades xamanísticas “tradicionais”, e a nova onda de movimentos neoxamânicos.

Stuckrad (2002, p. 776) diz que o xamanismo moderno ocidental é um cultic milieu “[...] com vários pontos de sobreposição com o paganismo ocidental contemporâneo e as correntes da Nova Era”. E diz que deve ser visto em um senso amplo e um estrito. Para o último, as obras de Castaneda são de importância primordial. Para o primeiro, pode-se citar o xamanismo core, criado pelo importante antropólogo e praticante Michael Harner, que designa algumas características xamânicas básicas encontradas, segundo ele, em uma variedade de cenários tradicionais.

Com toda a exposição até aqui, consideramos que o neoxamanismo, assim como a wicca e outras formas de bruxaria, o neodruidismo, o ásatrú, e o odinismo possuem o mesmo pano de fundo de criação, portanto é igualmente neopagão. No entanto, podemos dividi-lo em dois: xamanismo nova era e neoxamanismo tradicional, ambos já exemplificados acima, mas a seguir trataremos um pouco do último para esclarecer a entrada dele no mundo moderno.

Neoxamanismo tradicional

Enquanto os românticos idealizavam um passado de amor a natureza – e alguns como Thoreau tentaram viver na prática –, os indígenas vivos estavam lutando para manter suas tradições, ao mesmo tempo que se convertiam ao cristianismo e aceitavam a participação de não índios e a divulgação de suas práticas.

Igreja nativa americana

Nos Estados Unidos, várias lideranças nativas se juntaram e criaram em 1918 a igreja nativa americana. E, em uma longa batalha político-judicial, conseguiram criar a Lei de Liberdade Religiosa dos Índios Americanos, em 11 de agosto de 1978. Essa foi codificada em 1996. Antes da lei, muitos aspectos das várias religiões indígenas americanas haviam sido proibidos por lei, inclusive a utilização do peyote. Portanto, a criação da igreja nativa americana tinha intuito em garantir o direito de manter suas cerimônias.



Sua criação esteve relacionada a vários fatores, entre eles a existência de cerimônias nativas antigas, a catequização pelo cristianismo dos indígenas norte-americanos e o contato com nativos mexicanos que consumiam o cacto peyote. Assim, iniciou-se o que foi visto como um culto pan-indígena, com a utilização em certos casos de elementos cristãos nos rituais nativos de alguns dos povos indígenas (Smith *apud* Ressel, 2013, p. 33).

Ressel (2013) observa a influência do Estado na mudança da tradição indígena, uma vez que, para sobreviver, uma tradição que era direta e oral passa a ter a necessidade de registro escrito. Ele também salienta a relação visceral entre modernidade e religião, em que a primeira abrange o processo de definição e balizamento da segunda. E observa que a institucionalização dos nativos como Igreja pode ser vista como uma das ações criativas decorrente do contato entre culturas. Assim depreende que a tradição é alterada e (re)construída historicamente na ação.

No entanto, como observado acima, a inovação cristã já estava inserida em vários povos indígenas, inclusive no líder espiritual da tribo Oglala Lakota Sioux da América do Norte, Black Elk. Esse se converteu ao cristianismo aos 40 anos, em 1903, e é referência histórica sobre a abertura das cerimônias nativas tradicionais a não índios, outra inovação. Isso resultou na ampliação da extensão e do alcance das práticas. Black Elk

[...] ficou internacionalmente conhecido pelo livro *Black Elk speaks*. Mesmo tendo sido batizado na Igreja Católica em 1903, continuou sendo um líder espiritual da Sun Dance (Dança do Sol) e do Calumet (Cachimbo Sagrado - Chanupa). Segundo o historiador das religiões Mateus Soares de Azevedo (2005), Black Elk não via nenhuma incompatibilidade fundamental entre as duas tradições, e teria sido um homem de contemplação intensa, que recebeu diversas visões do mundo espiritual e explicou para as novas gerações de índios o sentido de sua religião e a utilidade de seus antigos ritos. No final da sua vida, Black Elk transmitiu ensinamentos espirituais reservados dos índios das planícies a dois pesquisadores: John Neihardt e Joseph Epes Brown. Neihardt publicou um livro que se tornou um clássico, *Black Elk speaks: being the life story of a holy man of the Oglala Sioux* (1932). Para Brown, teria revelado os principais ritos de sua tradição, publicados em *The sacred pipe: Black Elk's account of the seven rites of the Oglala Sioux* (1953) (Ressel, 2013, p. 45).



A abertura ao não índio e as fusões se desenvolveram de várias formas ao longo do século e no novo milênio.

Neoxamanismo no Brasil

Indo para o Brasil, podemos começar a falando da Ayahuasca, pois ela é o elemento que dá identidade ao neoxamanismo no Brasil, apesar deste país dividir esse componente com seus vizinhos que dividem a Amazônia.

Portanto, comecemos a tratar de seu uso pelos não índios. Com a ayahuasca, veremos surgir as religiões brasileiras ayahuasqueiras, sendo a planta seu principal elemento religioso. Com o ciclo da borracha no Brasil, houve um fluxo migratório de nordestinos para a região amazônica. Um deles, Raimundo Irineu Serra, maranhense, migrou para o sul do Acre. Lá, “[...] segundo alguns relatos colhidos por Jair Bercê (2007), teve sua iniciação com o chá através de um caboclo vegetalista² peruano descendente dos Incas” (Mandarino, 2010, p. 17). E, em 1930, cria na periferia de Rio Branco o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo (CICLU), conhecido como Santo Daime. Esse, assim, surge do encontro da floresta com a periferia urbana, do caboclo e do índio amazônico com o nordestino. Posteriormente, o Daime expande-se para as grandes metrópoles e centros urbanos, e mesmo para outros países. Irão surgir também, com outros líderes, diferentes doutrinas religiosas igualmente baseadas na ayahuasca, como a barquinha, em 1945, e a união do vegetal, em 1960. Contudo, esse universo é eclético, possui práticas indígenas evidentemente, mas com elementos da religiosidade afro-brasileira e kardecista, porém, sobretudo, possui seu eixo doutrinário central no cristianismo e catolicismo popular. Portanto, não representam tradições xamânicas. Sobre essa análise no Daime, ver Groisman (1999) e Ferreira (2008).

A seguir investigaremos o neoxamanismo em suas diversas expressões, da mais Nova Era a mais tradicional.

O início

É em 1979, que localizamos documentação revelando o interesse dos brasileiros, pelo xamanismo. Em uma sessão chamada “Xamanismo”, a revista *Planeta*³ publica uma matéria intitulada “Maria Sabina e o alimento dos deuses”. O livro de Mckenna ainda não existia, e os leitores comuns tinham acesso ao tema, mediante tal revista. Maria Sabina era considerada a maior feiticeira viva



da terra mexicana e foi estudada pelo antropólogo Gordon Wasson. No final da matéria, são apresentados livros sobre o tema. Um em espanhol *Los indios de México*, de Fernando Benítez, outro *Vida de Maria Sabina*, de Álvaro Estrada, e cinco livros de Castanêda: *A erva do Diabo* (1968), *Uma estranha realidade* (1971), *Porta para o infinito* (1975), *Viagem a Ixtlan* (1972) e *O segundo círculo do poder* (1977). Colocamos as datas dos originais, pois não sabemos as de tradução, apesar de muito provavelmente serem bem próximas, ou no mesmo ano.

Em 1987, foi traduzido pela editora Imago, a mesma editora de *As brumas de Avalon*, o livro *O cálice e a espada*, da socióloga, advogada e ativista social Riane Eisler. E, em 1989, o livro de Michael Harner *O caminho do xamã*. Esses dois autores influenciaram bastante a mãe do neoxamanismo no Brasil, como veremos. Esse caminho pagão foi introduzido no Brasil por uma mulher de 55 anos, sob um viés feminista, e sem a utilização da ayahuasca e nenhum outro enteógeno, apenas com instrumentos musicais, como o tambor, maracá e didjeridu.

Xamanismo matricial

Em 1981, Carminha Levy é iniciada no xamanismo por ninguém menos que Michael Harner, o antropólogo americano que deu início ao renascimento contemporâneo no mundo ocidental do interesse pelo xamanismo. A iniciação foi realizada no Instituto Esalen, na Califórnia. Essa entidade foi um importante centro de constituição do “Movimento de Potencial Humano”. A partir daí, através da Universidade da Paz (UNIPAZ), sendo membro didata, oficialmente ministrou Xamanismo e se dedicou à sua difusão, em todo Brasil e Portugal. De acordo com seu site, realizou até 2007 mais de 4.000 horas entre congressos, palestras, workshops e jornadas xamânicas em todo o Brasil e exterior: Flórida, Oregon, Bahamas, Portugal, Finhord na Escócia, e França⁴.

Ainda em seu site, apresenta como marco de sua posição como instrutora de neoxamanismo no Brasil a publicação na revista *Viver Psicologia*, de um artigo seu chamado, “O que a Psicologia deve aos feiticeiros”, de 1986. Carminha também é pedagoga e psicóloga clínica, com especialização em Jung (PUC-SP); terapeuta transpessoal (Stanislaw Groff – Esalen – CA – USA); psicodramatista terapeuta corporal (Gaiarsa); arte-terapeuta; T.V.P. (Edith Fiore – M. Netherton); e membro honorário da “*The Foundation of Shamanic Studies*”.

Em 1989, Carminha é convidada pelo programa *Sexto Sentido*⁵, apresentado



por Luiz Gasparetto, na TV Gazeta de São Paulo, para falar sobre terapia xamânica. Ele apresenta o trabalho de Carminha como muito novo, e que talvez no Brasil não exista similar. Começa questionando o que é xamânico ou xamanismo. Ela responde que é a mais antiga técnica de cura, e que data do paleolítico. E que, no Brasil, se tem conhecimento dos xamãs, dos pajés, por exemplo, mas é uma técnica que nasceu nos primórdios da humanidade. Para explicar sobre o tema, ela diz que tem que contar a lenda do xamã, o qual nasceu da cópula de uma mulher com uma águia especial. Um dia, ele ou ela se isola da tribo e entra em estado de coma e começa a passar pelas dores da iniciação. Depois disso, vai para a tribo que o recebe com uma festa e, posteriormente, começa a xamanizar. Levando para a terapia, ela parte do princípio de que o que tem de ser mobilizado internamente é o arquétipo do xamã. Esse seria o arquétipo primordial do curador, contendo em si a saúde. A pessoa deve ser capaz de autocura, com humildade, e contando com as forças animais. Em seu segundo livro, 13 anos depois, explica:

Nosso modus operandi para tal inicia-se propiciando o autodespertar do arquétipo do xamã. Ele, como Herói da Consciência, com sua força de visionário, quebra todos os paradigmas e sugere novos valores e conteúdos – as “novas imagens”. Pela celebração à vida, pela nossa fidelidade à Mãe-Terra nós, os Xamãs, movidos pela inspiração de sermos luz para todos que nos cercam, ousamos pôr em ação esta proposta visionária de uma nova ética de vida (Levy, [2018d]).

Abordaremos sobre essa nova ética mais à frente. Continuando a entrevista, ela cita Michael Harner e seu sistema de batida de tambores especiais para entrar em estado alterado de consciência e entrar no mundo xamânico, recuperando o antigo poder primitivo. Também fala como conhecer o animal de poder. E o entrevistador sempre tenta traduzir o que Carminha diz em termos psicológicos. Ela termina comentando que será lançada uma matéria sobre seu trabalho na revista *Planeta*.

No ano seguinte, em 1990, novamente em Esalen, num curso avançado em xamanismo, igualmente com Michael Harner, Carminha “[...] recebeu, junto com seus colegas, a instrução de perguntar às forças da Natureza: ‘Qual a minha Missão de Alma?’” (Levy, [2018b]). A sua pergunta foi ao Oceano Pacífico, e recebeu como resposta:

[...] dançando ao sabor das ondas, o mantra “*Piece of Peace*”.



Imediatamente, como se fosse uma visão, delineei o meu projeto da Alma: levar as pessoas a serem um “*Pedaço da Paz*”, formando uma grande tapeçaria onde, tal qual um trabalho de patchwork, cada um pudesse dar sua diferente e colorida participação, independente de raça ou credo (Levy, [2018b]).

Ela conta que o xamã poeta Roberto Piva lhe dizia diariamente para fundar uma instituição, uma escola. Então, quando ouviu a resposta do oceano, concebeu e fundou, com ajuda de um grupo fundador, sua própria Escola de Xamanismo – Paz Geia Instituto de Pesquisas Xamânicas. Ela apresenta como estrutura pedagógica básica “[...] a integração entre a Psicologia, Antropologia e a Sagrada Sabedoria do Xamã” (Carminha [...], [2018]). Ou seja, a mesma estrutura de seu mestre e do movimento em geral do neoxamanismo. Porém, ela se apresenta como a pioneira no ensino simultâneo de xamanismo e psicologia. Já havíamos citado no primeiro capítulo essa primeira escola de xamanismo, pois Magnani a estudou. Ele a classificou no “Grupo III – Centros Especializados”, e cita que eles forneciam um curso de formação de Facilitadores Xamânicos, de três anos.

A linha de xamanismo de Carminha e do Instituto chama-se xamanismo matricial. Esse é uma criação de Carminha, sendo o termo e inspiração originários de Riane Eisler, em sua obra *O cálice e a espada* (1987). No entanto, o embrião dessa ideia nasceu de um sonho que ela teve no dia que teve um aneurisma, em 1981. No sonho, apareceu um leão negro, então, depois de recuperada, começou a pesquisar para descobrir o que era esse leão negro. Até que um dia caiu em suas mãos uma revista *Planeta*, em que a capa era uma madona negra cercada de animais negros. Daí ela conta que foi pesquisar as mães e os primórdios da humanidade⁶. Como vimos no segundo capítulo, na década de 1980, para além do feminismo da wicca, com Budapeste e Starhawk, desenvolveu-se um movimento de espiritualidade feminino, conhecido como “Espiritualidade da Deusa”, e que, além, é claro, das influências da cultura feminista americana e da wicca, também foi influenciado pelo trabalho de Riane Eisler. Dessa forma, o trabalho de Carminha surge num momento de forte influência do feminismo na espiritualidade. Inclusive, já havendo como referência o trabalho de Starhawk, que é bruxaria wicca, porém xamânica e psicologizada.

Nas palavras de Levy, o xamanismo matricial é um caminhar para frente nos estudos xamânicos, um casamento entre o masculino e feminino, um poder de parceria, ao invés de um poder sobre o outro (O que [...], 2016).



O Xamanismo Matricial também busca sua origem na aurora da Humanidade, quando vivíamos uma Época de Ouro na qual mulheres, animais e natureza faziam parte de um contexto sagrado de adoração à Grande Deusa. [...] propõe uma comunhão do paradigma vigente do Patriarcado com os valores da Grande Deusa, simbolizado pelo Cálice Sagrado, recipiente de vida e criatividade. Ressurge uma nova (ou antiga) forma de parceria, regida pela igualdade sexual, liberdade, justiça, alegria, beleza, amor e poder, como sinônimos de mútua responsabilidade. Atributos femininos como Amor, Compaixão e Misericórdia, entre outros, regerão a Espada da Ordem Patriarcal, num Casamento Sagrado com o Cálice, levando a descobrir, homens e mulheres, o que pode significar ser HUMANO (Levy, [2018c]).

Há uma fusão e aclimatação da Grande Deusa, que é a Mãe Terra e também Madona Negra, para as terras do Brasil. Carminha a identifica como Nossa Senhora Aparecida. Para ela, as três são “o máximo do amor materno acolhendo todo mundo” (Madona [...], 2017). Vejamos um trecho de um texto seu, sobre as mil faces da Madona Negra.

Quem é a Madona Negra? Qual a sua primeira face? È a Mãe Terra, o Princípio Feminino, nossa Mãe Primordial, símbolo de Sabedoria e Integração dos Opostos. Como perpetuação das poderosas Deusas da antiguidade, ela volta com as características sagradas de Maria. Metaforicamente Virgem, mas não no sentido do Patriarcado, porque não pertence a nenhum homem e sim a todos os homens. Doadora de vida, dela provêm os homens como frutos da Terra e a Ela todos retornam, à Deusa Mãe – Mãe Terra. [...] A Madona Negra está a favor, politicamente, do povo e de sua dignidade. Sua face mais importante hoje é a da justiça social. Ela é a consoladora dos Aflitos e dos Excluídos e aparece misteriosamente onde há sofrimento e opressão. Em todo o mundo, encontram-se as faces da Madona Negra com essas características. Mas, para nós, a sua mais importante face é a de Padroeira do Brasil – Nossa Senhora Aparecida! (Levy, [2018a]).

Aparentemente, Carminha traduziu sua devoção à santa para a linguagem xamânica da Mãe Terra. E, além daquela, Levy também traz a figura do Espírito Santo. Ela sugere que a visionária nova ética de vida é centrada na resolução de opostos, em que dá foco na parceria, na comunhão do feminino com o masculino, partindo do individual para o coletivo. E está ancorada:



1. Nos valores essenciais da Grande Deusa/Mãe Terra/Madona Negra que são: Intuição/Sabedoria, Justiça, Liberdade, Criatividade, Beleza, Concórdia, Misericórdia, Tolerância, Alegria, Compaixão, Perdão.
2. Nos dons do Espírito Santo: Profecia/Visões do Passado, Fé, Clarividência, Milagres, Poliglotismo, Entusiasmo, Exorcismo, Cura, Diplomacia, Ensinamentos Inspirados, Clariaudiência (Levy, [2018d]).

Olhando rapidamente, por conta da polaridade, parece ser uma fusão do Grande Espírito do Xamanismo, para o Espírito Santo cristão. Mas, em uma passagem, ela diz que “somos filhos de um Deus Criador amoroso, um Grande espírito, que nos ama” (Artese, 2018). E, em uma entrevista, finaliza com tais palavras: “Abençoados pela Madona Negra, pelo Espírito Santo, Deusa, Deus e tudo que é” (Especial [...], 2013, 38 min. 34s). Para o neoxamanismo, a forma ou nome que se refere ao “ser supremo” (outro nome que ela utilizou) não tem muita importância. O foco é na prática de cura, com alterações de consciência através dos elementos e símbolos que caracterizam o xamanismo. Acreditamos que os adeptos tenham uma percepção do mundo como realidade inventada, pois, através dos rituais, a imaginação e a realidade deixam de ser opostas e as pessoas são curadas.

Observamos que a linha de neoxamanismo que Carminha criou tem uma prática baseada nos ensinamentos de seu mestre Michael Harner, sob o entendimento da psicologia e a teoria do movimento de Espiritualidade da Deusa, fusionado com sua crença pessoal.

Em seu livro já citado *Xamanismo Matricial*, de 2002, Carminha apresenta um código de ética fortemente influenciado pelas ideias de Riane Eisler, sem nenhuma diferença na verdade, as ideias podem ser encontradas no último capítulo da obra de Eisler, “A descoberta evolutiva: rumo a um futuro de parceria”. Carminha lança três temas para suas proposições. Primeiro, a Parceria, que é a alternativa que Eisler propõe em substituição a dominação, tendo o “[...] enfoque principal nos Relacionamentos em detrimento das Hierarquias”, que Eisler apresenta como produção acadêmica feminista e da teoria do caos. Segundo, o Poder, “[...] que não seja limitador do desenvolvimento do outro por não ser ‘sobre’ o outro e sim o Poder da Responsabilidade ‘para com’ o outro”. Essa visão não destrutiva do poder foi, segundo Eisler, tema central da literatura feminista do século XX. “Não mais o Poder piramidal com chefes governando do alto, mas sim o Poder como União, simbolizando pela forma circular ou oval



– o Ovo Cósmico da Grande Deusa”. Eisler diz que, desde tempos imemoriais, esse tipo de poder “[...] vem sendo simbolizado pelo círculo ou pela elipse – a elipse cósmica da Deusa ou *rotundum* alquímico – ao invés dos ângulos das pirâmides, onde os homens reinam do alto, como chefes de nações e famílias” (Eisler, 2007, p. 271). O terceiro tema é o Conhecimento,

[...] que seja de solicitude, priorizando a prática da empatia, através da intuição e da razão. Este conhecimento irá influenciar a mente coletiva, ajudando a formar a massa crítica que levará a mente coletiva de forma consistente e gradativa, a mudar o curso do futuro da humanidade. A sociedade humana, tal qual o xamanismo matricial a vê, será concebida como um sistema vivo do qual todos nós somos parte, numa grande tapeçaria (Levy, [2018d]).

O que Carminha faz é, com sua tradição, colocar em prática as ideias de Eisler. Essa diz que já havia se avançado bastante em desembaraçar e refazer a trama de nossa tapeçaria mítica para padrões mais gilânicos. O que faltava era “[...] uma ‘massa crítica’ de novas imagens e mitos, massa crítica necessária para que sejam levados para realidade por um grande número de pessoas” (Eisler, 2007, p. 265). Quando Carminha cria o xamanismo matricial, ela cria essa realidade. Ao invés de dar continuidade ao xamanismo dos caçadores de seu mestre, ela tece uma realidade gilânica e, através de sua escola, entrevistas e livros, lança um novo programa de verdade, em que imagina promulgar estilos de vida humanos respeitosos.

Nessa sociedade pacífica e altamente criativa, apoiada na nova ética, o “[...] trabalho mais valorizado, a prioridade número um, será o desenvolvimento físico, mental e espiritual das Crianças” (Levy, [2018d]). Essa ideia também é de Eisler. Contudo, em uma entrevista⁷ de 2016, com 82 anos de idade, diz que, entre os muitos itens do código de ética, o principal é que o foco da educação seja voltado para as crianças, e acrescenta que os mais velhos tenham a função quase profissional de educar as crianças. Assim, segundo ela, dois polos com bastante carência se complementariam. A idade de Carminha quando da sua adesão, 47 anos, também nos dá aporte para confirmarmos o que percebemos anteriormente, que, além de ter predominância de adultos, o movimento neoesô ou Nova Era no Brasil continha também considerável público maduro.



Xamanismo Universal

Em nosso questionário, Leo nos conta que foi batizado e crismado na Igreja católica, mas sua família toda era espírita. E depois se tornou umbandista. Em seu site, diz que sua mãe era benzedeira e seu pai médium. Portanto, participava desde criança de cerimônias espirituais. Conta que aos 11 anos tinha muitos sonhos iniciáticos e visões. E que teve sua iniciação espiritual quando criança com seu padrinho de batismo: “Cid Toledo (o Cidão de Xangô) um ‘mestre’ que o Criador pôs em meu caminho”. Segue contando que, com o passar dos anos, teve contato com diversas linhas: “[...] pelo estudo de escolas iniciáticas, artes marciais, oráculos, acupuntura e massagem, terapia corporal, yoga, ervas medicinais, aromaterapia etc, até chegar ao ‘Xamanismo’” (Artese, [2018]). Em nosso questionário, ele revela que foi em 1986, com 29 anos de idade que começou a estudar e praticar o xamanismo.

Em seu site, Artese alega que criou o “Movimento Xamânico Universal” em 1990, ou seja, no mesmo ano que Caminha Levy criou o Paz Geia. Artese explica que xamanismo universal é um caminho

[...] onde são possíveis as alianças espirituais entre os diversos sistemas de crenças. É baseado no conhecimento da Roda Medicinal dos nativos norte-americanos, nos Ritos de Passagem das Estações do Calendário Sagrado e Pajelança, adaptados para a vida contemporânea. O entendimento de que “Tudo é Sagrado” permite-nos à unificação na corrente universal da beleza, da paz, do amor incondicional, da saúde do corpo e da mente. A premissa básica é o reconhecimento que todos fazemos parte da Família Universal e tudo está interligado. O praticante compreende o Espírito Essencial que está dentro dele mesmo, na natureza e em todos os seres. Apresento esse conteúdo na forma de cursos, workshops, cerimônias, formações de multiplicadores, jornadas, ritos. É um trabalho que desenvolvo desde 1992 e o mais conhecido de todos são as Jornadas Xamânicas Voo da Águia (Artese, [2018]).

Artese conta ainda sobre seus caminhos de aprendizado no mundo xamânico, com a sabedoria dos nativos norte-americanos (roda medicinal, cachimbo sagrado, tenda do suor e peiote), e peruanos (ayahuasca e cacto San Pedro). E, através do estudo das chamadas “plantas de poder”, chegou ao Centro Eclético Fluente Luz Universal – Santo Daime. Em nosso questionário, Artese diz que, em 1991, paralelamente ao xamanismo, converteu-se ao Santo Daime e pratica



os dois até hoje.

Léo Artese é fundador e diretor do Espaço – Centro de Estudos de Xamanismo Vôo da Águia. E fundador e presidente do Centro Eclético da Fluente Luz Universal Céu da Lua Cheia. Lançou, em 1996, o livro: *O Vôo da Águia: uma iniciação aos mistérios e magia do Xamanismo* e em 2001 “O Espírito Animal”.

A metodologia desenvolvida por Artese desde 1992, que visa estudar o xamanismo universal e praticar no dia a dia, tem sido difundida pelos “Multiplicadores da Roda de Estudos de Xamanismo Voo da Águia”, no Brasil e em vários países. E no seu site ele deixa claro que não representa nenhuma tradição: “As jornadas e vivências Voo da Águia, assim como na forma de como interpreto o xamanismo, são resultado de muitos anos de pesquisa, iniciações e aplicação de conhecimentos espirituais na condução de ritos e cerimônias” (Artese, [2018]).

De 13 a 20 de março de 2005, de acordo com a página do Facebook, de Artese, “Xamanismo” (Xamanismo, [2018]), ocorreu o maior encontro desse já realizado no país: o “Primeiro Encontro Brasileiro de Xamanismo”. Reuniu 64 palestrantes, entre condutores de práticas, índios, antropólogos, terapeutas, fitoterapeutas, erveiros, artistas e estudiosos. Artese considera que depois do encontro o xamanismo nunca mais foi o mesmo. Ele conta que o “[...] encontro contribuiu para a revitalização das práticas xamânicas, por séculos desprezadas, ao mesmo tempo que fomentou o interesse crescente pelo xamanismo em nossa sociedade” (Artese, 2017).

Apesar do sucesso descrito, um evento similar só aconteceu em 2017, 12 anos depois, e se chamou “Primeira Virada Musical Xamânica”. O propósito do evento é

[...] criar um ambiente propício para reunir praticantes e estudiosos de xamanismo afim de restabelecer uma conexão direta com a natureza, através de uma viagem musical que permita explorar - através dos ritmos da canção e dos instrumentos de poder um vasto panorama de sons, de várias tradições xamânicas, a fim de obter, com o coração, a intenção de cura no ritmo da respiração sagrada (Artese, 2017).

Em janeiro de 2018, ocorreu o 2º Encontro Brasileiro de Xamanismo e a 2ª Virada Musical Xamânica. No entanto, no intervalo de tempo aludido Artese realizou outros projetos, como o Movimento: Xamanismo Sem Fronteiras, iniciado em 2010, que atendeu convites da Europa e América. Sua finalidade é



a união de “[...] entidades e pessoas que adotam como base comum a filosofia, a teoria das práticas xamânicas universais, sem excluir as contribuições decorrentes de novos estudos e pesquisas e a sua aplicação nos diversos campos do conhecimento humano” (Bezerra, 2019). Em 2016, criou uma Aliança Internacional de Xamanismo Universal, chamada IAUSH (*International Alliance Of The Universal Shamanism*), “[...] uma organização sem fins lucrativos, de direito privado, de caráter espiritual, científica e cultural dedicada à preservação, desenvolvimento, estudos, disseminação de práticas xamânicas” (Bezerra, 2019).

Torna-se claro, portanto, que o xamanismo universal e o matricial são ecléticos e Nova Era, diferentemente dos próximos que veremos adiante.

Xamanismo tradicional moderno

Tradição Iniciática Nativa Andina

Em resposta a nosso questionário, Wagner Frota, também conhecido como Jaguar Dourado, conta que nasceu e se criou em Brasília, formou-se em Recife em Sociologia e morou em Alagoas 10 anos, entre 1998 e 2008. Seu primeiro contato com o xamanismo foi em 1989, com 27 anos, no Caminho de Santiago. Em 1993, foi contratado pela Unipaz para desenvolver um curso de xamanismo e lá conheceu Claudio Capparelli (marido de Mirella Faur), que veio a ser seu mestre e pai espiritual. Em 1994, fundou junto com ele o Clã Lobos do Cerrado. Em 2000, quando esteve nos Andes pela primeira vez, conheceu Mama Julia, que se tornou sua mentora, com ensinamentos contínuos até hoje. Em 2011, ela apresentou Frota ao seu mentor, o boliviano Tayta Matzú, que passou a ser tutor de Frota até este ser iniciado como um líder espiritual da Tradição Iniciática Nativa Andina.

Em uma entrevista para o Canal Consciência Próspera, falando sobre sua iniciação, Frota diz que não escolheu seus mestres, mas foi escolhido por eles (Xamanismo [...], 2018). Por exemplo, com Mama Julia ele a conheceu e conversou naturalmente com ela, que o convidou para voltar lá no outro ano, oferecendo casa e comida. Quando percebeu já era aprendiz dela. E, posteriormente, quando ela o apresentou Tayta Matzú, esse reconheceu Frota como um líder espiritual andino. Em três cruzeiros, onde nasce dois sóis, o primeiro sol nasceu e bateu no terceiro olho de Frota, e o segundo em seu peito. Para a tradição, isso é considerado uma iniciação. Em 2017, Tayta faleceu e Frota passou a ser



mentor de alguns de seus alunos. Alguns veem ao Brasil encontrá-lo e outros o encontram no Peru, pois ele viaja para lá duas vezes ao ano.

Frota escreveu três livros: *Caminhando com os Ventos: uma jornada xamânica* (2008), *Xamanismo visceral: o despertar do guerreiro* (2014) e *Xamanismo nos Andes: cosmologia, mitos & ritos* (2017). Ele também possui o site www.xamanismo.com

Igreja Nativa Sul Americana Caminho do Guerreiro

Marcos Ninguém conta que nasceu em uma família católica, mas ele considera que era catolicismo pagão. Ele diz que esse catolicismo é aquele que acredita em bruxaria, em magia, em poções, em lendas, e principalmente em curandeirismo. Sua avó era benzedeira, e ele se lembra de ter sido muito tratado em benzedeiros, ou poderia chamá-los de curandeiros. Além disso, ele considera que é totalmente oposto do catolicismo tradicional, diz que o curandeirismo é a vertente Pagã do catolicismo.

Na adolescência, com 15 anos de idade, conta que rompeu com a igreja e virou ateu, ficando assim por uns cinco anos. Com 17 para 18 anos, entrou na faculdade de Filosofia e sentiu a necessidade de buscar alguma conexão. Começou a atuar na política, no campo da esquerda, e estudou bastante Nietzsche, tanto que seu trabalho de conclusão de curso foi sobre ele.

Mas, por volta da metade ou mais pra o fim da faculdade, começou a pesquisar sobre religiões, gnose. E, em conversas com um amigo, em que expressava suas ideias, aquele sempre dizia que o que Ninguém pensava já existia, e era xamanismo. Então um dia, Ninguém resolveu pedir algo para ler sobre xamanismo a ele, e seu amigo diz que tinha Carlos Castaneda. Ninguém se interessou e seu amigo emprestou o livro *O Poder do Silêncio*.

Ele conta que se apaixonou pelo livro, e que

[...] ele tem alguma coisa nele, algumas chaves de linguagem que o Castaneda deixou, que todo mundo que leu esse livro, ativa o corpo sonhador da pessoa, começa a sonhar muito, acontece muito desdobramento, muito sonho lúcido. Isso é descontroladamente, obviamente, involuntariamente acontecem sonhos lúcidos. E isso aconteceu comigo, aconteceu com várias pessoas pra quem eu emprestei esse livro. Ele tem essas chaves aí (Ninguém, 2018).



E se identificou muito com as ideias do livro. Percebeu que sua cosmovisão era muito parecida com a do nagualismo, em que o mundo é uma interpretação. Ele diz que muitos filósofos pensavam assim, que o que chamamos de realidade é uma interpretação racional. Então, ele explica que foi mudando, que se interessou pelas plantas de poder, sendo que imaginava que era algo muito distante dele, que não poderia fazer parte de sua vida, de seu cotidiano, que era uma coisa utópica, romântica.

Então, por volta de 2003 ou 2004, foi para o Fórum Social Mundial e conheceu a profecia dos guerreiros do arco-íris da paz e conta que

[...] essa profecia tava colada numa árvore. Eu já tava estudando xamanismo, aí eu tava sentado, eu vi aquilo de longe, eu tava expondo artesanato, e eu vi aquela profecia colada longe naquela árvore sozinha assim. Aí eu falei: ‘Caraca, eu vou lá vê o que tem escrito naquele papel’. Aí quando eu fui lá, era a profecia dos guerreiros do arco-íris da paz. Fala justamente desse momento que a gente tá passando, né? Da ganância do homem branco, o planeta aí sucumbindo, uma grande tragédia ambiental, social. Cultura indígena ia quase desaparecer, mas os espíritos dos antepassados, dos grandes antepassados, iam encarnar em homens e mulheres de todas as raças, de todas as etnias. E brancos, negros, amarelos, todos iam ser da cultura deles, mas com espíritos dos grandes xamãs, dos antepassados. Eles iam se lembrar quem eles eram e qual era o verdadeiro papel, e aí começar a despertar outros guerreiros, pra juntos resgatar os cantos, as danças, com os antepassados, com os avós, e trazer a medicina de novo, pra curar as pessoas. E empregar a paz entre as pessoas, entre as nações. Isso se chama guerreiros do arco-íris da paz, iam deixar o cabelo crescer. Todo movimento hippie foi influenciado por essa profecia, né? O primeiro navio do Greenpeace se chama Rainbow Warrior. Então, essa é uma das profecias mais importantes da humanidade, que mais influenciou a humanidade e as pessoas nem sabem. Influenciou muito. Então, eu conheci a profecia e falei: “Caraca!”. E aí eu me reconheci nela. E aí me reconheci nela, me reconheci no sentido de que eu disse: ‘Nossa, eu sou um guerreiro do arco-íris, eu sou um espírito dos antepassados que tá despertando, que precisa despertar mais, e precisa ajudar outros irmãos a despertarem o seu propósito pra junto a gente cumprir essa missão’ (Ninguém, 2018).

Ele também conheceu pessoas do Calendário da Paz, que é do Sincronário 13 luas, e explica que tal movimento estava chegando no Brasil.



[...] tinha uma galera de São Paulo bem articulada, a gente recebia o calendário gratuitamente, calendário de bolso pra distribuir. Então, eu comecei junto com essa onda, né? A onda do xamanismo começou com a onda do estudo dos maias, né? Do calendário 13 luas e do Castaneda. E aí tinha essa galera, a galera se encontrava, a gente criou um círculo de xamanismo, um grupo, meus amigos mais próximos também começaram a estudar meio que a força, como eu digo, apulso, porque faziam porque eu tava estudando, a galera na minha casa, a galera acabava estudando comigo, né? Conhecendo mais, mas e aí o pessoal do calendário maia. Aí eu me juntei com a galera que tava trazendo esse movimento para o Brasil. Aí conheci muita gente, e fui conhecendo xamãs, fui aprendendo sobre rapé, fui aprendendo muita coisa. Viajei pela América Latina pra participar de outros encontros (Ninguém *apud* Bezerra, 2019, p. 305).

Quando ele estava se formando na faculdade de 2005 pra 2006, disse que começou se questionar sobre se iria querer seguir a vida acadêmica, ou tornar-se xamã. Então, conta que projetou as duas, viu no que iria dar a primeira, e na segunda não viu nenhum caminho, então disse: “Ah, eu quero caminhar numa estrada que ainda eu não conheço. [...] Aqui que tem graça, aqui que a gente vai vibrar, né?” (Ninguém *apud* Bezerra, 2019, p. 305).

Para Ninguém, a escolha por ser xamã representava que ele tinha de negar a sociedade. Dessa forma, ele fez uma ruptura muito forte. Sob influência de Osho, que falava sobre a ausência do ego, e do nagualismo, que falava sobre o abandono que a gente tem de nós mesmos, ele jogou seus documentos, cartões de banco fora e foi viajar pela América Latina para aprender xamanismo. Ele diz que ninguém sabia seu nome, de onde vinha, que seu sotaque não é fácil de identificar. Então, muitas pessoas ficaram anos o conhecendo apenas como ninguém.

Entretanto, ele disse que saiu com um plano. Pesquisando mais sobre a profecia dos guerreiros do arco-íris da paz, ele ficou sabendo da caravana do arco-íris pela paz, do xamã mexicano, guardião da profecia, Alberto Ruz Buenfil. Esse é filho do arqueólogo que descobriu o túmulo subterrâneo de Pakal, o Grande, nas ruínas maias de Palenque, em 1952. Seu trabalho é dedicado à mudança social, sustentabilidade ambiental e artes cênicas. A caravana durou 13 anos, promovendo em dezessete países da América Latina o design sustentável e a permacultura, bem como apresentações teatrais. Recebeu em nome da Caravana o prêmio “Escuela Viva” do presidente brasileiro Lula da Silva e o ministro da Cultura Gilberto Gil, como um dos 60 projetos mais avançados na educação no



país. Assim, enquanto a caravana estava no Brasil, Ninguém se juntou a eles e aprendeu muito, e isso foi em 2007. Sendo que, no intervalo entre entrar para a caravana e de estar na caravana, ele conta que participou de vários encontros internacionais e nacionais, e conviveu com muitos xamãs.

Ele ganhou aprendizado empiricamente; diz que seu estilo era ficar perto dos que sabem, para assim aprender. Entrava nos países ilegalmente e vivia de artesanato. Ele diz: “Eu era uma pessoa, um andarilho assim, das galáxias. Um mochileiro das galáxias. Eu não tinha casa, não tinha nada. Nem tinha nome. Foi muito bonito, foi uma fase bem romântica, digamos assim” (Ninguem *apud* Bezerra, 2019, p. 306). Ele viajou muito entre 2007 e 2008, e só em 2009 que ele revela sua identidade. Em sua linguagem, ele começou a hackear o sistema, inserindo-se nele para transformá-lo, ao invés de bater de frente. Isso se torna mais evidente na sua história com a permacultura, que perpassa toda sua história no xamanismo. Ele também a conheceu durante a faculdade e também se tornou referência no Brasil sobre o tema. Em entrevista concedida a Djalma Nery do site “Outras Palavras”⁸, Ninguém diz:

Fui o permacultor que mais deu cursos no Brasil, em média quatro por mês, cada um em uma capital diferente. Acabei trabalhando a permacultura na maior parte dos estados brasileiros através de cursos, editais, consultorias, obras de bioconstrução, fundando ecovilas e projetos governamentais, sempre com o intuito de difundir a permacultura e capacitar comunidades e indivíduos. Atualmente, estou criando uma ecovila e fundei uma universidade alternativa de permacultura (UniPermacultura) que ministra o primeiro Diplomado em Permacultura em língua portuguesa e com um ano de duração (Ninguem *apud* Bezerra, 2019, p. 306).

E sua inserção e desenvolvimento na permacultura é fruto de sua busca em ser um xamã. Em nossa entrevista, ele conta que:

[...] veio essa necessidade de conhecer as plantas, veio essa necessidade de conhecer os ciclos naturais, de aprender a plantar mais e saber colher e ser uma pessoa da terra, ser verdadeiro, ser real. Não queria ser um xamã de botique, queria ser um xamã real, verdadeiro. E aí pra isso eu tive que estudar muitas coisas, né? E aí a permacultura veio com essa resposta e com uma proposta de uma nova humanidade, de uma nova sociedade (Ninguem *apud* Bezerra, 2019, p. 307).



Mesmo seu deixar de ser Ninguém foi influenciado pelo nagualismo de Castaneda. Ele diz que o autor explica que o papel do nagual moderno é “mover o pó de aglutinação do planeta” e não mais só das pessoas individualmente. É dessa forma que ele percebeu que tinha de “mudar toda uma construção de interpretação da realidade que é social”. E considera que seu trabalho na permacultura, agroecologia e economia solidária desenvolve esse papel.

Então, foi nesse período que ele começou a servir a ayahuasca com mais regularidade e o início foi no Nordeste, onde formou grupos, sobretudo no Recife. Em 2012, ele conheceu Aurélio Diaz Tekapankalli, o chefe e líder espiritual do Fogo Sagrado do Itzachilatlan, e começou a participar da Igreja Nativa. Ele foi para o México e fez o ritual da busca da visão, que são quatro dias e quatro noites sem comer, em uma montanha, sozinho. Foi aí que seu grupo, Caminho do Guerreiro, tornou-se Igreja Nativa Sul Americana Caminho do Guerreiro.

O xamanismo praticado por Ninguém, como o título indica, é vinculado à igreja nativa americana. Ele conta que enxerga tal movimento como parte da profecia dos guerreiros do arco-íris da paz, na qual ele está incluído, e que faz parte da igreja nativa de Aurélio Diaz Tekapankalli, o Fogo Sagrado de Itzachilatlan⁹, apesar de não frequentar muito por ser no México.

Ninguém segue, na sua tradição, desenhos cerimoniais de vários povos indígenas, sendo a maioria do Peru. Desenhos cerimoniais são uma referência às suas cerimônias que “[...] tem o desígnio de marcar que elas contêm um *know-how*, uma forma, uma organização, uma estrutura, uma sequência, cujo formato (‘desenho’) tradicional específico é observado com precisão, compondo um sistema de conhecimento e de aprendizado” (Ressel, 2013, p. 17). Ele conta que usa mais a cerimônia andina do tabaco, mas, ao mesmo tempo, tem o estudo do fogo que é do México. Explica que o formato da igreja nativa permite usar várias medicinas durante a mesma noite, sendo que sempre com o formato tradicional. Em uma noite, podem ser apresentadas três, quatro tradições. E é dessa forma que ele procede, sempre com desenhos cerimoniais tradicionais, sendo esse o diferencial em relação às cerimônias chamadas de neoxamanismo. Esse, explica Ninguém,

É mais fluido, mantém o mesmo desenho. A gente já não, a gente para, tipo, a gente toma peyote e a ayahuasca na mesma noite. Então, são duas plantas com poderes diferentes, com desenho e povos diferentes, com desenho diferente. Então, quando a gente vai tomar um peyote, a gente



canta os cantos de peyote. Faz como se tivéssemos só fazendo peyote. Aí quando a gente vai fazer a ayahuasca, a gente avisa que muda. ‘Oh, galera, a gente agora vai servir a ayahuasca e tal’, aí muda os cantos, muda a ritualística da forma de servir. Aí, o legal é justamente isso, cara, o ideal é não inventar coisas, assim, tipo, no meu ponto de vista: ‘ah! vou fazer a ayahuasca, mas, assim, eu vou fazer a ayahuasca, e eu vou botar uma música russa, e aqui vou botar umas luzes e tal, na hora, e depois vou fazer isso, e vamos fazer yoga, e depois a gente vai meditar durante o trabalho’. As pessoas inventam procedimentos. Então, a igreja nativa é resgate de vários procedimentos. Não importa qual ele seja, desde que ele seja tradicional (Ninguém, 2018).

No entanto, salientamos que, como observado no segundo capítulo, essas próprias tradições já tiveram muitas alterações. Todavia, apesar de manter tais tradições, Ninguém diz que tem havido aberturas na igreja nativa, citando a quebra de algumas tradições na questão de gênero, por exemplo, a mulher antigamente não podia servir a ayahuasca. Hoje, pode; ela serve qualquer medicina e a dança do sol era masculina.

E o próprio Ninguém se abriu para uma experiência denominada de xantra, através de um convite de um instrutor de tantra, residente na praia da Pipa, no Rio Grande do Norte. Staine Medeiros criou um evento chamado “Experiência Xantra”, que ocorreu dia 7 de julho, e nós estivemos presentes. Tal experiência pretendeu juntar xamanismo com tantra. Todavia, não houve fusão dos dois; o que ocorreu foi a realização de uma respiração tântrica por uma hora, antes da cerimônia de ayahuasca. A programação estava prevista para começar às 14h20 com Encontro de Sagrado Feminino e Sagrado Masculino, seguida de aula de Yoga Sri Prem Baba às 16h20, depois às 18h20 a Respiração Tântrica – Método Centro Metamoforse. E, antes da cerimônia, às 20h20, houve a Palestra/Anamnese com o Xamã Marcos Ninguém Homem Medicina.

A cerimônia começou mais tarde do que o programado, às 22h. Participaram 22 pessoas, sendo 11 homens e 11 mulheres. A maioria (13) já havia experimentado a ayahuasca anteriormente. E quase metade das pessoas (10) estava na faixa de 31-40 anos. A razão mais comentada como propósito em conhecer e participar de uma cerimônia xamânica com uso ritualístico de ayahuasca foi autoconhecimento, respondido por (10) pessoas. A cerimônia ocorreu em uma pousada, em frente ao mar, em cima de uma falésia, durando até de manhã sem nenhum problema.



Em síntese, na opinião de Ninguém, as cerimônias xamânicas que seguem o desenho tradicional são um tesouro intacto, bonito, deixado para as futuras gerações:

São interpretações da realidade que nossos avós tiveram e transcreveram isso; afinaram até chegar num estudo tão fino que, quando a gente faz, a gente dá certo, então eu sei. O legal de participar de uma cerimônia tradicional é que sabe que vai dar certo, porque existe um passo a passo que os antigos deixaram. Um mapa. Quando você faz o xamanismo Nova Era, o mapa é o momento, assim, tipo, pra onde for, né? Por isso que acho um pouco até perigoso esse xamanismo Nova Era (Ninguem *apud* Bezerra, 2019, p. 309).

Considerações Finais

A complexidade do xamanismo se encontra desde o significado do termo e conceito, até as inúmeras transformações que esse diverso movimento, criado em torno do termo, enfrentou. Todos os envolvidos realizaram trocas, com diferentes aspirações e metas. As mudanças históricas do século XX e a formação de novas formas de se relacionar em comunidade, assim como a consciência ou a falta dela, das mudanças de mentalidades, percepção de mundo, e tradições, possibilitaram a criação de novas identidades.

Essas novas identidades e ideias chegam ao Brasil e encontram território para seu assentamento. Assim como fora, aqui, as duas variantes do xamanismo vão se estabelecer, sendo que novas identidades serão criadas nessa terra que possui seus próprios povos indígenas e tradições. Novas trocas serão realizadas expandindo mais ainda a diversidade e geografia do movimento. O xamanismo Nova Era ganha novos desenhos que serão compartilhados com o mundo e o xamanismo tradicional moderno expande suas fronteiras territoriais, étnicas e garante sua vitalidade na contemporaneidade.

Vivemos em mundo de constantes mudanças, onde a dominação da natureza foi lema, colocando em perigo a sobrevivência da espécie humana. Nesse sentido, a sabedoria xamânica e seus rituais, trazem para a modernidade uma perspectiva de integração, ao invés de exploração. Artese (2018) conta que “os rituais xamânicos podem trazer a consciência de que somos apenas um microcosmo, somos parte de algo maior, filho da Terra, parte de uma terra viva.



O xamanismo resgata a relação sagrada do homem com o planeta”. A seguir, a fala de Ninguém complementa essa ideia e revela que apesar das diferenças, há certa unidade sobre o que é considerado xamanismo.

Tudo é sagrado. A todo o momento o sagrado tá se manifestando. Nas folhas, no vento, na respiração nossa, a todo o momento. E esse é um dos conceitos antropológicos em que uma crença possa ser considerada xamanismo ou não. Que é a divinização do mundo. Tudo é sagrado. Tudo é divino (Ninguém apud Bezerra, 2019, p. 383).

Referências

ARTESE, Leo. Carminha Levy. *Xamanismo*. [S. l.], 3 maio 2018. Disponível em: <http://xamanismo.com.br/carminha-levy/>. Acesso em: 15 set. 2018.

ARTESE, Léo. *Léo Artese: apresentação*. *Xamanismo*. [S. l., 2018]. Disponível em: <https://www.xamanismo.com.br/xamanismo/leo-artese-apresentacao/>. Acesso em: 15 set. 2018.

ARTESE, Levy. *Primeira Virada Musical Xamânica*. [S. l.], 11 jan. 2017. Facebook: @Xamanismo. Disponível em: <https://m.facebook.com/xamanismo.com.br/photos/a.275877449186645/1198136656960715/?type=3>. Acesso em: 16 set. 2018.

BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: a magia da realidade*. 2019. Tese (Doutorado Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1124>. Acesso em: 19 set. 2023.

EISLER, Riane. *O cálice e a espada*. Palas Athena: São Paulo, 2007.

ESPECIAL Paz Geia com Carminha Levy [2013]. Haroldo Lourenção. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (38 min. 42s.). Publicado pelo canal Consciência Próspera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=krvvOzoDFmY>. Acesso em: 15 set. 2018.

FERREIRA, Cláudio Alvarez. *O vinho das almas: xamanismo e cristianismo no Santo Daime*. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da Floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis: UFSC, 1999.



HARVEY, Graham. *Contemporary paganism: religions of the earth from druids and witches to heathens and ecofeminists*. New York: New York University Press, 2011.

LEVY, Carminha. São Paulo: Paz Géia, 2018. Disponível em: <http://www.pazgeia.org.br/arquivos/profissionais/carminha.htm>. Acesso em: 10 set. 2018.

LEVY, Carminha. A Madona Negra e suas mil faces. São Paulo: Paz Géia, [2018a]. Disponível em: <https://pazgeia.org.br/arquivos/textos/madona.htm>. Acesso em: 13 set. 2018.

LEVY, Carminha. *Como nasceu a Paz Géia*. São Paulo: Paz Géia, [2018b]. Disponível em: http://www.pazgeia.org.br/arquivos/textos/como_nasceu_a_pazgeia.htm. Acesso em: 12 set. 2018.

LEVY, Carminha. *O que é Xamanismo Matricial*. São Paulo: Paz Géia, [2018c]. Disponível em: https://pazgeia.org.br/arquivos/textos/xamanismo_matricial.htm. Acesso em: 12 set. 2018.

LEVY, Carminha. *Xamanismo matricial - Código de Ética*. [S. l.: s. n., 2018d]. Disponível em: <http://ead-carminha.conscienciaprospera.com.br/pdf-carminha>. Acesso em: 15 set. 2018.

MADONA Negra: Carminha Levy [Paz Géia #10]. Samuel Souza de Paula. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (5 min. 12s.). Publicado pelo canal Consciência Próspera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hd15H83r5K8>. Acesso em: 13 set. 2018.

MANDARINO, Giulliana. *Religiões ayahuasqueiras: tradições e contradições*. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Fluminense Federal, Niterói, 2010.

O QUE é Xamanismo matricial?: Carminha Levy [Paz Géia#01]. Samuel Souza de Paula. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4 min. 15s.). Publicado pelo canal Consciência Próspera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PKkLZh1zzS4>. Acesso em: 12 set. 2018.

RESSEL, Henrique. *Cerimônias nativas: tradição e inovação no Fogo Sagrado de Itzachilatlan*. 2013. Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

SEXTO Sentido: Xamanismo c/ Carminha Levy (1989). [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo



(13 min08s.). Publicado pelo canal nelsonpinta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xk5m4LEHQsc>. Acesso em: 10 set. 2018.

STUCKRAD, Kocku von. Reenchanted nature: modern western shamanism and nineteenth-century thought. *Journal of the American Academy of Religion*, [Oxford], v. 70, n. 4, p. 771-799, dec. 2002.

XAMANISMO visceral: Wagner Frota. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (42 min. 39s.). Publicado pelo canal Consciência Próspera. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LuqFhyslu0M>. Acesso em: 16 set. 2018.

XAMANISMO. [Publicações]. São Paulo, [2018]. Facebook: Xamanismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/xamanismo.com.br/>. Acesso em: 18 set. 2018.

Notas

¹Doutora em Ciências da Religião e graduada em História. Professora de Filosofia e ética em The Priory School, Inglaterra.

²“Os vegetalistas são curandeiros (curadores) de populações rurais do Peru e da Colômbia que mantêm elementos dos antigos conhecimentos indígenas sobre as plantas, ao mesmo tempo em que absorvem algumas influências do esoterismo europeu e do meio urbano” (Labate *apud* Mandarino, 2010, p. 15).

³Número 76, janeiro de 1979.

⁴Ver (Carminha [...], [2018]).

⁵Ver (Sexto [...], 2017).

⁶Entrevista para Consciência Próspera, 15 set. 2013 (Especial [...], 2013).

⁷Ver (O que [...], 2016).

⁸Disponível em: <https://outraspalavras.net/djalmanery/tag/marcos-ninguem/>.

⁹No entanto, o Fogo Sagrado de Itzachilatlan existe no Brasil, desde 2003 e já foi estudado na academia. O grupo começou a organizar suas atividades por volta do final da década de 1990, dirigido por Haroldo Evangelista Vargas, médico psiquiatra, natural de Canoinhas/SC, que conheceu Tekpankalli em viagens pela América do Sul para participar das cerimônias do Fogo Sagrado, consolidando-se o movimento no país no início dos anos 2000 como FSI do Brasil. Haroldo recebeu o nome de Ehekateotl Kará Riapu Uvdju na tradição e foi reconhecido por Aurelio Diaz Tekapankalli como Chefe e Líder Espiritual do Fogo Sagrado do Itzachilatlan do Brasil, sendo o fundador e líder da primeira Igreja Nativa Americana no país. [...] As cerimônias acontecem em diferentes lugares e cidades, sendo mais comuns no sul do país, em especial Florianópolis, Joinville, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo, além da fazenda de Segualquia em Urubici. Mas também são realizadas em outras cidades e estados, tais como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Brasília, onde quer que se encontrem “carregadores da tradição” – condutores das cerimônias. Em Curitiba, por exemplo, há pelo menos sete



espaços nos quais os ritos do Fogo Sagrado costumam ser realizados, com número maior de “carregadores da tradição” do que de espaços, sendo que dezenas de cerimônias são realizadas em espaços de pessoas que se oferecem para recebê-las por uma única vez ou ocasionalmente. Assim, conforme já relatado por Rose (2010), tudo indica que o Fogo Sagrado vem se expandindo e se consolidando pelo Brasil, principalmente no sul do país (Ressel, 2013, p. 78-79, 85).